

## O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E AMBIENTAL DA REGIÃO SISALEIRA E SUAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Geracina Maria Almeida Lyra de Barros<sup>1</sup>

**Resumo:** *O presente trabalho visa contemplar as histórias contadas pelos velhos e velhas da região sisaleira, e daí analisá-las com o intuito de compreender a proposta da APAEB-Valente (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira) – que tem uma postura anti-assistencialista, visando à harmonia entre o econômico e o social, assim como a EFA-Valente (Escola Família Agrícola) –, que através de suas experiências educacionais vêm projetando estratégias de convivência no semi-árido. Assim, tanto APAEB-Valente quanto a EFA-Valente corroboram em prol do desenvolvimento socioeconômico da região sisaleira.*

**Palavras-chave:** História ambiental; Educação; Memória de velhos

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir do projeto de pesquisa Memórias do rural: estratégias de resgate da história ambiental e enraizamento de comunidades na região sisaleira da Bahia, que tem como um dos objetivos a reconstrução da história ambiental na região sisaleira.

A recuperação da história ambiental de comunidades rurais da região sisaleira pode ser considerada um importante elemento na análise das estratégias adotadas pelas comunidades na definição e implementação de políticas públicas de desenvolvimento local e regional que envolve, inclusive, os aspectos socioambientais em que a Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (APAEB-Valente) e a Escola Família Agrícola de Valente se destacam.

Assim, a história ambiental da região passa a ter grande importância para a análise e construção de história, o que tem a contribuição não só de pesquisadores, mas, das pessoas comuns, como os velhos e velhas da região.

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo analisar historicamente o desenvolvimento socioeconômico da região sisaleira, bem como as experiências educacionais desenvolvidas pela EFA-Valente.

### VALENTE: O MUNICÍPIO “POBRE” DO SEMI-ÁRIDO BAIANO

O Município de Valente – situado a 250 Km de Salvador-Bahia, está localizado numa região de clima semi-árido, onde se depara há muitos anos com o problema da seca e a ineficácia de políticas públicas de desenvolvimento local. A maioria da população deste município trabalha

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da UEFS -Universidade Estadual de Feira de Santana- Ba. Bolsista de iniciação científica pela FAPESB no âmbito do projeto de pesquisa “Memórias do Rural: estratégia de resgate da história ambiental e enraizamento de comunidades na região sisaleira da Bahia” coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Denise Helena P. Laranjeira.

na agricultura, principalmente no cultivo do sisal (*Agave sisalana*) – economia principal no município.

“Para o entendimento da dinâmica de ocupação do semi-árido, é preciso considerar [...] o desmatamento da caatinga para o desenvolvimento de pastagens, cultura de subsistência, sisalais e outras monoculturas, eventos ocorridos desde o século XVI”. (SANTOS, 2002, p.17). Já na década de 70, o sisal foi visto como o ouro verde do sertão. Isto favoreceu a entrada de muitos comerciantes no ramo que ficaram ricos em pouco tempo, enquanto o pequeno agricultor mal conseguia se sustentar do seu trabalho.

Assim, por muito tempo se usufruiu as terras do semi-árido, principalmente da cidade de Valente - que se destaca há décadas no cenário brasileiro pelo plantio do sisal. Outros investimentos locais foram preteridos, como desnecessários, pois se acreditava que o Nordeste baiano reunia condições favoráveis do ponto de vista climático para o desenvolvimento da planta. Para o governo do Estado da Bahia, o sisal seria, portanto, “resistente às constantes secas que assolam a região, contribuindo para a não desertificação da área, além de representar importante fonte de renda e emprego na região” (BAHIA, 1991, p.10). Porém, essa visão estritamente econômica dissociada do social, não levou em conta a vida indigna dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Eram homens, mulheres e crianças que se arriscavam nas máquinas de desfibramento do sisal para ganhar míseros salários – os quais deveriam os primeiros estar amparados nas leis trabalhistas e as últimas freqüentando escola como rege a Constituição Brasileira. Para Santos:

O trabalho agrícola realizado pelos pequenos produtores no Brasil [...] não recebe auxílio-governamental que efetivamente traga melhorias para a produção e, conseqüentemente, para as suas vidas. No caso dos trabalhadores do sisal, a realidade é ainda mais complicada uma vez que o “discurso” alardeado aponta a seca como a responsável pela miséria das áreas de clima semi-árido. (Santos 2002, p.14/15):

Todavia, se percebe que há na verdade uma crise social, onde poucos eram privilegiados em detrimento de muitos que ficavam à mercê dos comerciantes. Desta forma, os atravessadores se aproveitavam do solo dessa população em prol do “desenvolvimento socioeconômico”, mas pouco se teve de vantagens sociais para oferecer à comunidade de Valente, que mal ganhava o necessário para sobreviver enquanto os atravessadores - estivesse o preço do sisal em alta ou baixa - conseguiam ficar ricos em pouco tempo, contribuindo para um processo migratório para os grandes centros das cidades.

Uma outra situação agravante que se pode constatar nesse local é a devastação da caatinga, que hoje é rara na região, assim como algumas caças que praticamente foram extintas e substituídas pelas criações. Velhos e velhas podem testemunhar as transformações que a paisagem daquela região sofreu:

Era tudo caatinga coberta, mato ainda. Ainda tem lugares aí que ainda tem umas, lugar coberto que nunca foi roçado, como a senhora viu aqui no caminho aqui que tem, do lado aqui tem um mato aí criado, era tudo mato aqui, caatinga, não tinha roça, não tinha lavoura, não tinha. No tempo dos antigos aqui tinha,

isso aqui era o mundo sem fim [...]. A caatinga foi destruindo, o povo foi fazendo roça, a gente foi vendendo as terras.<sup>2</sup>

Os velhos “contadores de história” também dialogam acerca do convívio com a seca. Eles acreditavam que a seca era um “castigo divino”, bem como as dificuldades enfrentadas para sobreviver a esses períodos. Para tentar solucionar o problema, recorriam a uma reza à escrava do lajedo, como conta um agricultor: “no tempo do cativo, havia aqui uma mulata que rezava ajoelhada no lajedo que tem aí no fundo da casa. Era ela rezar, que a chuva vinha, não demorava quinze dias”<sup>3</sup>.

A ineficácia de políticas públicas frente a um quadro dramático a que foi submetida a população da região sisaleira, fez com que velhos e velhas apelassem para a religiosidade. É na fé, na misericórdia divina que viria a solução para os seus problemas. Para Santos (2002, p.17), “a água está disponível, graças aos lençóis freáticos, porém a falta d’água após as chuvas continua sendo utilizada para a projeção do semi-árido como a “terra da miséria”.

Desta forma, o programa de convivência com a seca, desenvolvido pela APAEB – Valente, faz o diferencial no semi-árido baiano, pois considera importante que a população aprenda a conviver e se desenvolver com os recursos existentes na região.

## **APAEB-VALENTE: PROPAGADORA DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA REGIÃO SISALEIRA**

A Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (APAEB Valente) é uma instituição não-governamental e sem fins lucrativos. Surgiu em 1960 no contexto dos movimentos da Igreja Católica, sobretudo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que visavam propagar os ideais religiosos e a melhoria na condição de vida do pequeno produtor rural e suas famílias. Em 1970, muitos produtores foram às ruas reivindicar a política de tributação governamental. Eram tributos altíssimos prejudiciais aos produtores rurais, que preferiam correr o risco de ter a mercadoria confiscada a pagar o imposto na venda do excedente produzido na agricultura de subsistência caseira.

A APAEB atuava em seis municípios distintos, mas em 1990 as associações foram desvinculadas, sendo que em 1993 foi oficializada a Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente, que, direcionou melhor as ações que pudessem solucionar os problemas da sua região. As ações têm como objetivo: a preservação da natureza e a elevação do padrão econômico dos associados, através de formação de uma consciência crítica e de diversas atividades desenvolvidas.

Dentre as diversas atividades (econômicas e sócio-educacionais) desenvolvidas na APAEB-Valente estão a Escola de Informática, o Centro de Aperfeiçoamento e Intercâmbio de Saberes Lúcia Gonçalves de Oliveira, a Escola Família Agrícola, Curtume, Laticínios,

---

<sup>2</sup> Fragmento de transcrição de entrevista com velho agricultor da região. Ver: FREIXO, Alessandra A.; TEIXEIRA, Ana Maria F. As fibras da história: memória de velhos na região sisaleira da Bahia. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. **Anais**. Salvador: UNEB, 2006. p.1-13. ICD-ROM.

<sup>3</sup> Ibid.

Assistência Técnica aos Associados, etc. Para o presente artigo, destaco a educação ambiental – que há mais de cinco anos foi incorporada pela APAEB-Valente “como linha transversal de ação em todos seus programas, como medidas concretas de rearboreção das unidades familiares de produção e tratamento do lixo doméstico por comunidades rurais” (APAEB, 2007). Com o propósito de ampliar este trabalho, a APAEB-Valente, juntamente com o Programa Petrobrás Ambiental, lançam o Projeto Sertão Verde, que também irão atuar na arborização dos “corpos d’água”, ou seja, plantar árvores ao redor de pequenos açudes, represas, tanques etc, com o intuito de diminuir a evaporação e, conseqüentemente, a perda anual de grande quantidade de água.

A APAEB – Valente visa ao desenvolvimento socioeconômico da região sisaleira, contribuindo para que as comunidades usufruam melhor do seu espaço ambiental de maneira significativa para o seu sustento e da sua família, e com consciência e responsabilidade, dando desta forma, assistência ao pequeno agricultor desde a produção da matéria-prima até a venda do produto.

A frase lema da APAEB: “O sertão tem tudo que se precisa; se faltar a gente inventa”, mostra o quanto a associação acredita no potencial da região. E é através das políticas de proteção ao meio ambiente, da promoção da inclusão social, etc, que a entidade ensina como conviver com os problemas supostamente oriundos da seca. Diferente das políticas assistencialistas que ocasionam comodismo e dependência ao cidadão para com o órgão que detém o poder, a APAEB – Valente utiliza a educação escolar e não-escolar para o desenvolvimento da sua região.

## **A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO BUSCA DE RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS NA REGIÃO SISALEIRA.**

“A possibilidade da autodestruição nunca mais desaparecerá da história da humanidade. Daqui para frente todas as gerações serão confrontadas com a tarefa de resolver este problema” (Schmied-Kowarzik, 1999, p.06). O planeta pede socorro. Nunca se ouviu falar tanto em preservação do meio ambiente como nos dias atuais. Devido à incapacidade do ser humano conciliar desenvolvimento econômico com preservação da natureza, muitas gerações futuras estarão com suas vidas ameaçadas. Desta forma, atualmente se torna mais que necessário, uma obrigação tanto do sistema educacional quanto da sociedade de promover educação ambiental a todos e todas.

No contexto da região sisaleira, podemos destacar algumas experiências de educação ambiental, tais como o trabalho desenvolvido pela Escola Família Agrícola (EFA) e o Centro de Aprendizagem e Intercâmbio de Saberes Lúcia Gonçalves de Oliveira (CAIS), que estão localizados na zona rural do município de Valente-Ba. Na EFA os alunos desenvolvem a apicultura, a caprinocultura, a cunicultura e a galinicultura, além da atividade agrícola. A formação dos alunos contempla a pesquisa, visando contribuir com a sua comunidade, como assinalo a seguir. O projeto é sustentado com o desenvolvimento de atividades econômicas na escola, além de recursos oriundos da APAEB, organizações não-governamentais, doações da comunidade e dos próprios funcionários da APAEB.

É utilizada a pedagogia da alternância, nela o aluno repassa o que aprendeu para a sua família, permanecendo desta forma duas semanas na escola e duas em casa. Os filhos dos pequenos agricultores aprendem técnicas de convivência com o semi-árido, compreendendo que não é necessário o êxodo rural, mas sim a adaptação, através da educação, às condições da região. Isso contribui para que a população jovem permaneça em seu município, dificultando que grupos econômicos das diversas atividades se apropriem da região.

Já no CAIS, recebem formação profissional como: carpinteiro, eletricista e pedreiro. Além disso, são orientados para o cooperativismo e para a agricultura orgânica. É um centro de informações que une educação e contato com a natureza da zona rural do semi-árido. Importante ressaltar que nessa perspectiva socioambiental, a energia utilizada nos equipamentos elétricos procede da energia solar, a lenha que abastece os fogões é originária de áreas de reflorestamento e a água utilizada em banheiros e pias é reaproveitada primeiramente nas descargas dos vasos sanitários e posteriormente na lavoura, após ser tratada em tanque para decantação.

A pesquisa referida acima e que constitui uma das fontes principais deste texto, vem revelar o quanto é importante na reconstrução da história ambiental da região, a análise das estratégias adotadas por essa comunidade e na definição de políticas de desenvolvimento local que envolve os aspectos socioambientais. Assim:

[...] oferecem pistas valiosas sobre a possibilidade concreta de articulação entre memória coletiva, história e educação ambiental, seja como estratégia de ressignificação dos velhos em suas comunidades, seja como uma possibilidade concreta de fortalecer e aprofundar as redes associativas horizontais e verticais capazes de imprimir um outro sentido, à noção de desenvolvimento local/regional, ainda que em experiências localizadas. [...].(FREIXO E TEIXEIRA, 2005)

Freixo e Teixeira (2005), no desenvolvimento de um trabalho em conjunto com a EFA e APAEB, buscaram contribuir para o estreitamento dos laços entre escola e comunidades rurais na região, focando sua investigação nos processos de reconstrução da sua memória, partindo da comunidade escolar da EFA, em especial docentes e alunos, de modo a desenvolver uma proposta pedagógica coletiva, que visava, em última instância, a construção da história ambiental das comunidades e municípios da região. Neste trabalho, as pesquisadoras definiram, em conjunto com os professores da escola, os seguintes temas geradores que mobilizariam a comunidade escolar: história da família e comunidade, história da água, história da propriedade rural, da evolução da propriedade, da paisagem e história da educação popular. Este trabalho nos parece estar em sintonia com os objetivos da educação escolar, em especial da escola do campo, conforme sugere Caldart (2004):

É tarefa específica da escola ajudar a construir um ideário que orienta a vida das pessoas, e inclui também as **ferramentas culturais** de uma leitura mais precisa da realidade em que vivem. E ajudar a construir uma visão de mundo significa [...] também **enraizar as pessoas na história**, para que se compreendam como parte de um processo histórico. E isso tudo para tornar consciente, explicitar, interpretar, questionar, organizar, firmar ou revisar idéias e convicções sobre o mundo, sobre a história, sobre a realidade mais próxima, sobre si mesmos. (grifo nosso)

Essa tarefa da escola torna-se ainda mais significativa ao contribuir para o crescimento de uma sociedade como um todo, uma vez que se deve considerar importante a participação de todos, inclusive os velhos – pois “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra” (Bosi, 1987, p.35). Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa, acima citada, possibilita aos sujeitos participantes, reviver o passado, entender o presente e contribuir para um futuro melhor.

E a conquista de um futuro melhor dependerá da educação que se planeja para as próximas gerações, uma educação mais consciente que se possa almejar por um mundo “menos feio, mais justo e mais humano” (Paulo Freire, apud Gadotti, 2000, p.42), que possibilite a sociedade descrever sua história, seus problemas com suas possíveis soluções e fazê-la entender que em muitos momentos ela também será a causadora desses problemas, assim como em outras, terão em suas mãos a “arma” que se chama conscientização, para defender-se dos opressores, dos devastadores do planeta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nome do desenvolvimento econômico, se devastam áreas, se inutilizam solos, se criam tecnologias que pouco beneficiam o meio ambiente, mas que garantem lucros de uma minoria que se encontra no poder. Com isso se conclui que o sistema capitalista “aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que seu bem-estar e a sua prosperidade”(GADOTTI, 1941, p.31), e pior, todo esse capital adquirido não conseguiria indenizar o planeta pelas conseqüências que lhe foram impostas.

A dinâmica do desenvolvimento econômico é bastante perversa para a sociedade. Antes de se instalar uma fábrica, indústria, devastar uma área para o cultivo de algo, primeiramente se verifica se a região é economicamente viável para tal, deixando em segundo plano a preocupação com os impactos ambientais e sociais que esta irá provocar. Segundo David Drew:

[...] a construção de uma casa, evidentemente, altera o meio pelo fato de substituir um trecho de grama ou de floresta por um bloco de concreto, madeira e vidro [...] A construção irá alterar parcialmente o clima circundante, o clima modificado alterará o caráter do solo e da vegetação vizinha e, por sua vez, a mutação do solo e da vegetação redundará em alterações posteriores do clima local. O telhado conduzirá as águas da chuva diferentemente do que faria a vegetação preexistente, e assim por diante. (Drew, 2002, p.19-20).

A região sisaleira é um exemplo desse “desenvolvimento econômico” que privilegiou por muitas décadas apenas uma minoria, enquanto o pequeno agricultor era explorado e a população em sua maioria vivia em extrema pobreza. Veiga considera que: “a mudança do ambiente educacional; a formação de redes que extrapolem os limites setoriais; a formação de associações [...]; a criação de novos mercados que valorizem as potencialidades regionais territorializadas; e o apoio organizado de instituições de ensino superior (principalmente universidades) da própria região” (VEIGA, 2000, p.138), favorecem a “capacidade de articulação das forças dinâmicas” de uma determinada região. Assim, as iniciativas da APAEB – Valente, parecem ter conseguido amenizar a situação precária do município ao adotar uma perspectiva mais solidária de desenvolvimento no qual a ciência e a técnica na sociedade moderna devem beneficiar o conjunto da população, enraizando-a no seu território.

A educação proposta pela EFA-Valente, com a valorização das potencialidades da região, o apoio do poder público e de outros agentes locais, além da instituição de ensino superior, viria trazer novos significados às práticas educativas de crianças e jovens. Isso contribui para que os cidadãos dessa região repensem os problemas ambientais existentes em ao invés de “combater a seca”, a sociedade estaria combatendo o desprezo de que foi vítima a região sisaleira.

## REFERÊNCIAS

- APAEB – Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente – Folha da Apaeb. Disponível em <<http://www.apaeb.com.br/folhadaapaeb/324/index.php?acao=noticia1>> Acesso em: 28 Jun. de 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, 2ª e. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. (Série Estudos Brasileiros, 1).
- CALDART, Roseli, S. *Momento atual da educação no campo*. 2004. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>> Acesso em: 02 Jul. 2007.
- DREW, David – **Processos interativos homem-meio ambiente**. Tradução: João Alves dos Santos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FREIXO, Alessandra A., TEIXEIRA, Ana Maria F. Memórias do rural: uma proposta de educação ambiental em uma escola família agrícola da região sisaleira da Bahia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, III, 2005, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: USP, 2005. p. 1-15. 1 CD-ROM.
- FREIXO, Alessandra A.; TEIXEIRA, Ana Maria F. As fibras da história: memória de velhos na região sisaleira da Bahia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2006. p. 1-13. 1CD-ROM.
- GADOTTI, Moacir – **Pedagogia da Terra**. 4ª edição - São Paulo: Peirópolis, 2000 – (Série Brasil Cidadão)
- SANTOS, Edinúzia M. C. A APAEB e a (re) organização espacial no semi-árido da Bahia - **Humanas: revista do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia** – UEFS – Ano 1, n. 1 (jan.jun.2002) – Feira de Santana: UEFS, pág.:11-28 – 2002.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. O futuro ecológico como tarefa da filosofia. São Paulo: IPF, 1999. (**Cadernos de Ecopedagogia**, 4)
- VEIGA, José Eli da – **A face do rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.